

A CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS POPULAR DE SALVADOR

Welton Rodrigues Santos (UFBA)
weltonsantos83@gmail.com

1. Introdução

A língua pode tomar formas diversas a depender da faixa etária do falante, sexo/gênero, escolarização, localização geográfica e até mesmo a depender da situação de fala.

Analisar os falares de uma comunidade linguística consiste em ter um olhar bem apurado no que concerne à diversidade cultural e ao histórico, bem como ao modo de vida de determinados indivíduos.

Neste trabalho monográfico, estaremos abordando o uso da concordância verbal mediante a análise de duas variáveis: faixa etária e escolarização. Para isso, tentaremos responder à seguinte indagação: Até que ponto a faixa etária e a escolaridade podem influenciar na utilização da concordância verbal? Na primeira variável, tentar-se-á uma análise a respeito da influência da idade na utilização da concordância verbal. Para tal estudo, chamaremos a atenção para as faixas etárias de 17 a 35 anos e de 51 anos em diante, nas quais veremos qual grupo de falantes aplicam de maneira mais frequente as regras de concordância verbal. Já na segunda variável, trabalharemos também com dois níveis de escolarização: fundamental e médio. Mostraremos a partir da averiguação de dados em situações reais de fala, se pesa ou não a variável escolaridade no uso da concordância verbal.

Tomaremos por base diversos teóricos e pesquisadores que, de maneira exaustiva, já se debruçaram sobre o tema tratado neste trabalho. Nomes de pesquisadores como Anthony Julius Naro, Maria Marta Pereira Sherre, Dante Lucchesi e teóricos como Marcos Bagno, Willian Labov, Perini, dentre outros, darão o norte para o desenvolvimento das considerações que serão apresentadas.

Este trabalho de pesquisa objetiva-se em fazer uma abordagem referente ao uso da concordância verbal, tentando mostrar os principais casos de ausência de concordância (os que ocorrem com mais frequência) segundo a gramática tradicional. Iniciaremos esclarecendo o termo “concordância” trazendo uma abordagem epistemológica e sua utilização dentro da gramática normativa. Nesta parte, estaremos apresentando o conceito de concordância verbal, bem como o diferenciando da concordância nominal.

Em seguida, estaremos apresentando a base teórica que norteará o trabalho. Mostraremos resultados já encontrados por outros pesquisadores da área de linguagens e também a metodologia utilizada para encontrar os resultados deste trabalho de pesquisa. Em última instância, traremos a análise dos dados colhidos a partir da observância de inquéritos do PEPP (programa de estudo do português popular de Salvador).

Por fim, espera-se que este trabalho seja como uma mola propulsora para a investigação de diversos outros aspectos, variações e mudanças apresentados pela língua.

2. Concordância verbal

De acordo com Ferreira (ano, p), o termo concordância significa “o ato de concordar, estar de acordo, em harmonia, em consonância”. Segundo o autor significa um “processo sintático em marcas morfológicas de uma palavra, tais como número, pessoa ou caso, são repetidas em outra(s) palavra(s) presente(s) no enunciado, indicando que formam, em conjunto, uma construção”.

Partindo da origem e da raiz da palavra, o termo concordância terá como significado “ter o mesmo coração, ser de um só coração” (do latim *cum corde*, literalmente “com o coração”). A gramática normativa faz uso do termo de uma forma metafórica, pois a concordância nos estudos gramaticais tem como objetivo harmonizar termos, ideias e/ou sentenças dentro das orações e períodos.

A concordância na gramática tradicional pode ser dividida em dois tipos: nominal e verbal. A primeira trata da concordância em gênero e número do substantivo com seus determinantes – o adjeti-

vo, pronome adjetivo, artigo, numeral e particípio. Já o segundo tipo de concordância (objeto desse estudo), de acordo com Almeida (1999), aborda a relação de concordância entre o verbo e o sujeito em pessoa e número, ou seja, o verbo deverá ir para o mesmo número e pessoa do sujeito. Ainda de acordo com a gramática citada, deve ficar evidente que o verbo é quem deve concordar com o sujeito e não o contrário, porque o verbo é que depende do sujeito, ele é regido.

3. Base teórica

A sociolinguística é uma subárea da linguística que trata da língua em uso, considerando as relações entre suas estruturas linguísticas e os aspectos sociais e culturais de sua produção (CEZARIO e VOTRE, 2008). Tal ciência trata de todas as realizações verbais, buscando entender os principais fatores que impulsionam e inibem as variações e mudanças linguísticas e o nível de estabilidade de determinado fenômeno linguístico. Fernando Tarallo (2007, p. 63) em seu livro intitulado “A Pesquisa Sociolinguística”, sobre a questão da variação ou mudanças linguísticas, diz: "Nem tudo que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação".

Em outras palavras, as mudanças linguísticas são antecedidas por variações, porém o fato de ocorrer variação na língua não significa que haverá mudança. Com isso, podemos perceber e distinguir de maneira objetiva a variação e a mudança linguística.

Apesar de o aspecto social na língua ter sido chamado atenção desde os anos iniciais do século XX, através do linguista suíço Ferdinand de Saussure, a sociolinguística somente estabeleceu-se como ciência nos Estados Unidos, na década de 1960, com William Labov, criador da teoria variacionista. Em pesquisas sociolinguísticas, adota-se uma metodologia bem delimitada, que possibilita a coleta e codificação de dados. Aspectos do falante como contexto social, faixa etária, escolaridade, condição socioeconômica, sexo/gênero, dentre outros, são fatores preponderantes nos estudos sociolinguistas labovianos.

Dentre diversas contribuições das pesquisas sociolinguistas, destaca-se a constatação de variações na fala ocorrentes entre indivíduos de diversos níveis de escolarização a depender da situação de fala. Pode-se chegar a essa conclusão através da metodologia sociolinguista de análise da língua em situação de fala real. Até então, atribuía-se a fala não padrão somente a indivíduos não escolarizados.

Em um estudo realizado no estado do Rio de Janeiro no ano de 1970, constatou-se que falantes não escolarizados diante da variante “As meninas brincam no quintal”, davam preferência à realização “As menina brinca no quintal”, ou seja, apresentavam a marca de pluralidade somente no determinante. Quanto ao núcleo do sujeito e ao verbo, a marca de plural não se fazia presente.

A sociolinguística, no decorrer dos anos, além de buscar descrever e explicar os fenômenos linguísticos apresentou também subsídios para a área do ensino de línguas. Os sociolinguistas estudam qualquer variedade de fala e apresentam a língua das classes menos favorecidas (que se distanciam da norma padrão) não como inferior, insuficiente ou errada. Assinalam que esses falares são baseados em regras gramaticais, porém seguindo uma orientação de concordância distinta daquela utilizada na língua padrão. Para exemplificar essa forma distinta de concordância da língua não padrão, reanaliseemos o exemplo supracitado “As menina brinca no quintal”. Vejamos que a marca de pluralidade aparece apenas no determinante se fazendo desnecessária nos outros elementos do enunciado para se compreender que não se trata de somente uma menina, mas sim de duas ou mais. Dessa forma, cria-se um pensamento menos preconceituoso, pois se passa a ver a língua padrão apenas como privilegiada socialmente, mas, no que concerne a sua estrutura e funcionamento, não existe nenhuma diferença, pois a língua conseguiu cumprir o seu papel – estabelecer a comunicação.

De acordo com Bagno (2007), a competência comunicativa da língua não está relacionada com a gramática estudada na escola, mas sim com a própria vivência e experiência de mundo do indivíduo. Ele cita ainda, que cada pessoa tem internalizada a gramática de sua língua materna e, assim sendo, qualquer sentença produzida não constituirá erro, pois apenas saberes secundários (como é o caso da gramática aprendida na escola) podem constituir erros por serem a-

prendidas, praticadas, treinadas e memorizadas. Bagno faz referência ainda a Perini (1997) que diz que "nosso conhecimento da língua é ao mesmo tempo altamente complexo, incrivelmente exato e extremamente seguro". Entretanto, Perini continua dizendo que:

Qualquer falante do português possui um conhecimento implícito altamente elaborado da língua, muito embora não seja capaz de explicitar esse conhecimento. E [...] esse conhecimento não é fruto de instrução recebida na escola, mas foi adquirido de maneira tão natural e espontânea quanto a nossa habilidade de andar. Mesmo pessoas que nunca estudaram gramática chegam a um conhecimento implícito perfeitamente adequado da língua. São como pessoas que não conhecem a anatomia e a fisiologia das pernas, mas que andam, dançam, nadam e pedalam sem problemas.

Naro e Scherre (2007) tratam, ao longo de seus sete capítulos, de temas relativos à origem do português brasileiro e suas peculiaridades estruturais.

O capítulo dois, mais precisamente, tratam da concordância variável do português, analisando este processo tanto no Brasil quanto em Portugal. Os autores apresentam as duas correntes que analisam ou procuram explicar a concordância verbal no Brasil, derivação ou crioulização, fundamentam sua tese – a derivação – apresentando a concordância variável no português europeu moderno, trata da documentação histórica da concordância variável no português europeu e suas implicações referentes ao tema.

A respeito da teoria da derivação Naro e Scherre acreditam que a falta variável de concordância, assim como outros fenômenos variáveis no português não padrão do Brasil, tem origem na derivação secular das línguas. Afirmaram assim que a falta variável de concordância é uma tendência linguística e poderia ocorrer tanto no Brasil quanto em Portugal em maior ou menor grau e em épocas diferentes.

Já a teoria do contato ou crioulização defende a tese de que, por ocasião da colonização no Brasil, o contato entre línguas distintas e a necessidade de comunicação para o exercício das atividades laborais deram origem à língua emergencial – Pidgin – e mais tarde à língua crioula. – língua materna para a geração subsequente. Tais contatos entre línguas se valeram da simplificação estrutural e gramatical, o que pode ter influenciado através da transmissão linguística irregular na falta variável de concordância no português brasileiro.

Com relação ao português europeu moderno, os autores comprovam que há variação na concordância, embora os linguistas portugueses a neguem. A monografia de Joana Lopes Alves intitulada “A linguagem dos pescadores de Ericeira” comprova a afirmativa dos autores. Salienta-se, no entanto, que os linguistas portugueses concordam em haver variação na concordância em Portugal apenas em alguns aspectos como no uso variável de desinências verbais de 3ª pessoa do singular e 1ª do plural com a expressão “a gente” e o uso variável do –S final nas regiões de Andaluzia e especialmente em Barrancos que já pertenceu à Espanha.

Os autores levantaram uma documentação histórica para a comprovação da concordância variável no português europeu, exemplificando tais ocorrências através de tabelas.

Ao confrontarem as duas correntes de estudo das variantes de concordância, Naro e Scherre defendem a teoria da derivação, argumentando a falta de variável de concordância em todo o território brasileiro, independentemente do contato com línguas africanas ou processo de criouliização. Afirmam que a posição do verbo em relação ao sujeito é um fato plausível de observação visto que os estudos apontam a ocorrência em maior ou menor grau de variante de concordância a partir desse aspecto.

O português do Brasil seria então resultado natural da deriva secular do português trazido de Portugal com o agravamento do contato com falantes de línguas das mais diversas origens.

Por fim, os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística são utilizados em vários centros de pesquisa em todo o mundo. Ainda hoje, muitos estudos se encontram em andamento, no entanto, existe muito a ser explorado.

4. Antecedentes

Diversos pesquisadores sociolinguistas tem se interessado pelo estudo da concordância verbal em seus diversos aspectos. Dentre esses pesquisadores, dois nomes tem se destacado: Anthony Julius Naro e Maria Marta Pereira Sherre (1999). Em um dos seus trabalhos sobre o tema citado, eles analisaram a influencia da saliência fônica

em textos antigos e modernos, tendo como corpus enunciados retirados de jornais e revistas de circulação nacional. Nessa pesquisa, observaram a concordância variável de número verbo/sujeito e constataram que a saliência fônica controla a frequência relativa de uso de marca de plural nos verbos. Além disso, constataram também que esse fenômeno ocorre tanto na fala como na escrita em construções simples ou complexas e com sujeitos de núcleo simples ou compostos.

A pesquisadora Maria Benedita dos Santos (1999) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) analisou como se processa a variação verbo/sujeito na língua falada por alunos da 1ª a 5ª série do ensino fundamental. Para essa averiguação, fez uso do banco de dados do projeto “A Língua Falada em Alagoas” do curso de pós-graduação em Letras da UFAL. Para essa pesquisa, ela utilizou para análise duas situações de fala: Posição sujeito (anteposto e posposto ao verbo) e a distância entre o sujeito e o verbo.

Ao concluir a análise dos dados, Benedita chegou à conclusão de que a ausência de concordância verbal é mais acentuada quando o sujeito se encontra posposto ao verbo e também com o sujeito contíguo (sujeito imediatamente antes do verbo).

Constância Maria Borges de Souza (1999), pesquisadora da Universidade Federal da Bahia, analisou em um de seus trabalhos a relação entre a concordância verbal e a saliência fônica do verbo na posição 3ª pessoa do singular/3ª pessoa do plural, e a posição e a distância do sujeito em relação ao verbo na fala de pessoas de diferentes níveis de escolaridade da cidade de Salvador, distribuídas em dois grupos: sexo masculino e feminino. Para esse trabalho, a pesquisadora utilizou como *corpus* seis inquéritos do PEPP / SSA.

A partir das análises feitas, concluiu-se que quando o sujeito se encontra à esquerda do verbo, o falante emprega mais marcas de concordância. No entanto, a quantidade de marcas de concordância vai decrescendo à medida que o sujeito vai se distanciando do verbo.

Dante Lucchesi (1994), ao observar a variação linguística entre falantes de uma comunidade rural afro-brasileira, constatou uma peculiaridade em relação aos resultados obtidos nos centros urbanos. Enquanto que as regras de concordância verbal nas grandes cidades

se encontram em diminuição nas faixas etárias mais jovens, nesta comunidade ocorre o contrário, os jovens estão empregando com mais frequência as regras de concordância verbal que pessoas idosas. De acordo com o estudo, isso se dá por alguns aspectos. O primeiro deles e talvez o principal, é o fato dos jovens estarem tendo mais acesso a educação. Em seguida, pode-se ressaltar que estes jovens também estão saindo mais de suas comunidades para trabalhar em outras áreas que não a lavoura e, além disso, estão mais informados através da televisão e do rádio. Enquanto que os mais idosos vivem de forma mais confinada, isolada o mundo globalizado.

A maior interação do indivíduo no processo produtivo da vida social, exposto a outros padrões linguísticos, favorece a assimilação de uma nova forma de utilização da língua e, por consequência, das regras de concordância verbal.

Ainda de acordo com o estudo de Lucchesi, existem as mulheres que se restringem aos afazeres domésticos e à criação dos filhos. Estas por sua vez, também perpetuam, na maior parte dos casos, a não utilização das regras de concordância pelo isolamento que vivem em suas comunidades. Assim sendo, chega-se a conclusão de que os mais jovens são os que lideram essa ascendência quanto à utilização da concordância.

Existem ainda muitos outros pesquisadores que já se dispuseram a tratar sobre a concordância verbal encontrando resultados diversos e muito pertinentes para a compreensão da língua como um sistema que sofre variações e mudanças constantes em sua trajetória.

5. *Metodologia*

A base teórica deste trabalho de pesquisa baseia-se nos estudos sociolinguísticos que tem sido objeto de inúmeras investigações nos últimos anos. Partindo do próprio nome “sociolinguística”, pode-se perceber que esta área da ciência estabelece uma correlação entre o estudo da língua em situação real de utilização e a sociedade, relação esta que resulta nas variações linguísticas objeto deste trabalho.

Portanto, será utilizado para esta investigação um *corpus* constituído por 16 inquéritos do PEPP (Programa de Estudos do Por-

tuguês Popular de Salvador). Também serão analisadas duas variantes – faixa etária e escolaridade. Para tanto, adotar-se-á uma fundamentação teórica baseada na teoria da variação, cuja corrente, segundo Mollica (1994), se apresenta “como um espaço interdisciplinar, que atua nas fronteiras entre língua e sociedade, focalizando principalmente os empregos concretos da língua”.

Se por um lado a Teoria da Variação atua nas fronteiras entre língua e sociedade, por outro, essa teoria contempla também questões relacionadas à variação e à mudança linguística, não de forma isolada, mas buscando desvendar o que existe na interface linguístico e extralinguístico e como esses fatores atuam ora impulsionado, ora retardando um processo de mudança.

O percurso deste trabalho monográfico foi constituído por uma pesquisa bibliográfica na qual se buscou a partir de estudiosos da área, a base teórica necessária para a compreensão da variação. E também, por uma coleta de dados em situações reais de fala, através do PEPP, onde se teve o embasamento concreto para os resultados obtidos.

Nessa perspectiva, este trabalho consiste em uma pesquisa investigativa de resultados quantitativos. Para isso, será constituído um corpus a partir de um grupo de inquéritos, em que os informantes se distribuirão em duas faixas etárias que compreendem a de 17 a 35 anos e 51 em diante. Quanto a variável escolaridade os informantes se dividirão em ensino fundamental (primário) e ensino médio completo (antigo 2º grau).

Por fim, os resultados obtidos serão apresentados em seus valores absolutos e também através de gráficos que nos darão a noção contrastiva dos somatórios.

6. Análise de dados

Os dados que serão analisados e apresentados estão baseados em variáveis extralinguísticas como faixa etária e escolaridade. Todos os inquéritos avaliados, extraídos do PEPP (Programa de Estudos do Português Popular de Salvador), foram divididos de acordo com as variáveis supracitadas.

A partir do *corpus* analisado, pôde-se chegar à conclusão, mais uma vez, de que as variáveis linguísticas existem e estão latentes a todos, e se encontram em diversos níveis da fala humana. Outro dado importantíssimo, constatado a partir deste estudo, foi o quanto a variável faixa etária influencia no falar do indivíduo, mais precisamente no que concerne a concordância verbal (objeto deste estudo). Assim sendo, observou-se neste trabalho que pessoas com idade de 51 anos em diante, tendo cursado apenas o ensino fundamental ou completado o ensino médio, empregam com muito mais frequência a concordância verbal do que pessoas com faixa etária de 17 a 35 anos e que possuíam a mesma escolaridade. Esse fenômeno se dá por diversos fatores que serão abordados mais adiante.

Vale salientar, por fim, que as análises e considerações que serão apresentadas a seguir se baseiam a partir da gramática normativa.

6.1. Variável escolaridade

Na análise dos inquéritos do PEPP referentes a indivíduos do ensino fundamental (primário), pôde-se perceber um número acentuado de falta de concordância verbal sujeito/verbo em sentenças simples, como em situações de uso do pronome pessoal “eles” (sujeito) e os verbos relacionados a esse termo. Vejamos os exemplos:

1. “[...] *todos eles corre* [...]”
2. “[...] *eles só vai* [...]”
3. “[...] *eles mexe mesmo* [...]”
4. “[...] *você não sabe se eles está* [...]”

Tratando apenas da situação de concordância sujeito/verbo, sendo o sujeito o pronome “eles” (3ª pessoa do plural), foram encontradas 17 ocorrências em que não se apresentavam a marca de pluralidade nos verbos relacionados a esse sujeito, ou seja, aproximadamente 27,5 % da ausência de concordância se deu por este fator.

Outro dado interessante quanto aos informantes desse nível de escolaridade, consiste na presença marcante de concordância verbal sujeito/verbo quando esse sujeito é o indefinido “a gente”. Essa ex-

pressão por se tratar de uma linguagem mais próxima das camadas populares, pois substitui o termo “nós” (2ª pessoa do plural), e por ser constantemente usada por todos os falantes, não cria nenhum tipo de dificuldade ou resistência na sua utilização. Vejamos os exemplos:

1. [...] *as condições financeiras da gente é muito* [...]
2. [...] *que a gente vá de calça* [...]
3. [...] *a gente brincava* [...]
4. [...] *a gente mata em casa* [...]

Nesse caso de concordância verbal, a gramática normativa nos orienta que o sujeito “a gente” por ser um indefinido, concordará com a 3ª pessoa do singular. Portanto, não houve ocorrências de falta de concordância entre os informantes do ensino fundamental, no que concerne ao uso do indefinido “a gente”.

Ao se tratar de informantes que possuem o ensino médio completo, constatou-se um número mais elevado de falta de concordância verbal sujeito/verbo no que tange a utilização do verbo “ser”, conforme segue:

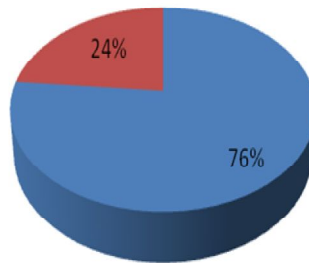
1. [...] *as meninas era de saia* [...]
2. [...] *as coreografias é em músicas* [...]
3. [...] *é muitas, muitas brincadeiras* [...]
4. [...] *eu brincava com meus primos, era primos, era amigos* [...]

Nesta relação sujeito/verbo, podemos perceber o verbo “ser” como um elemento fomentador da ausência de concordância. Nos oito inquiridos de informantes com ensino médio completo analisados, foram encontrados 34 casos de falta de concordância verbal sujeito/verbo. Desses, oito casos correspondem à falta de concordância entre o sujeito e o verbo “ser”, número que corresponde aproximadamente a 24%.

Graficamente temos:

Gráfico -2 Informantes com Ensino Médio Completo

- Outros casos de de ausência de concordância
- Apresentaram ausência de concordância com o verbo "ser"

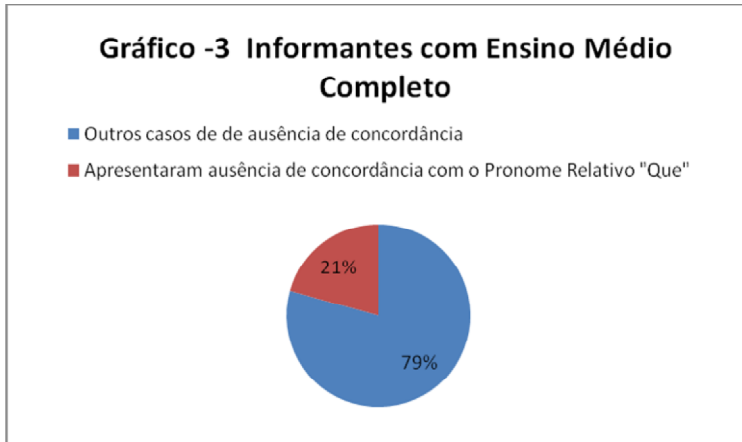


Através dessa pesquisa, vale destacar ainda um outro aspecto interessante. Constatou-se que há um número considerável de ausência de concordância quando o verbo se encontra após o pronome relativo “que”, como pode ser visto nos exemplos abaixo:

1. [...] *dessas pessoas **que** estudou* [...]
2. [...] *tem outros **que** era* [...]
3. [...] *tem uns **que** se sobressai* [...]
4. [...] *muitos colegas **que** acha* [...]

No caso referente à falta de concordância verbal depois do pronome relativo “que”, dos 34 casos de ausência de concordância sujeito/verbo, 7 se apresentaram com o relativo “que” entre o sujeito e o verbo, perfazendo assim um percentual aproximado de 21% de falta de concordância.

Graficamente temos:



Partindo dos dados gerais analisados para este trabalho de pesquisa, o efeito da escolarização na aplicação da concordância verbal sujeito/verbo foi preponderante. Pôde-se perceber que indivíduos com o ensino médio completo apresentaram menos ocorrências de falta de concordância, em detrimento aos que possuíam apenas o ensino fundamental. Enquanto que os informantes de ensino médio apresentam 34 casos de falta de concordância sujeito/verbo, os de ensino fundamental apresentaram 62 ocorrências, ou seja, um número que equivale a um acréscimo de mais de 82,35%.

Assim, podemos concluir que o tempo em que o indivíduo permanece na escola consiste em um fator importante na aquisição das normas da concordância verbal. Vários aspectos podem influenciar nessa constatação. Um deles pode se dar pelo fato de a concordância verbal ser um conteúdo gramatical que sua abordagem é feita a partir da 7ª série, quando do início do estudo da sintaxe, e este mesmo conteúdo é revisto com mais aprofundamento durante o estudo no ensino médio. Outro aspecto que pode também influenciar é a questão da convivência com pessoas escolarizadas no ambiente escolar. Ao estar em contato constante com professores de língua portuguesa e também de outras disciplinas, o indivíduo pode perfeitamente assimilar a concordância mesmo sem o estudo sistemático das regras, visto que a prática, em muitos casos, é muito mais eficaz que a teoria.

6.2. Variável faixa etária

A faixa etária é outra variável que pode ser analisada nos estudos sociolinguísticos e que traz um grande arcabouço de informações. Dados como conservação e mudanças linguísticas podem ser investigados a partir da observação de distintas faixas etárias.

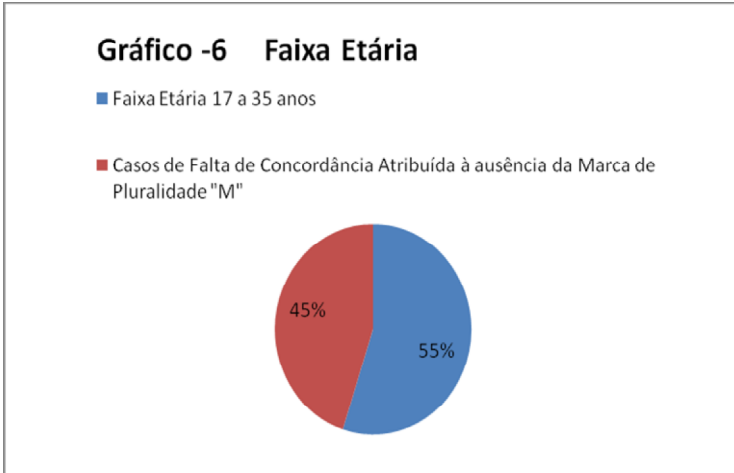
O corpus em questão é constituído por inquéritos do PEPP em que serão analisados informantes com idades entre 17 e 35 anos e de 51 anos em diante. Observaremos, então, em quais aspectos se diferem os falares desses dois grupos de informantes e, em termos quantitativos, até que ponto ocorre essas diferenças em relação à concordância verbal sujeito/verbo.

Em oito inquéritos analisados de pessoas com faixa etária entre 17 a 35 anos foram encontrados 60 casos de ausência de concordância verbal sujeito/ verbo. Das ausências de concordância encontradas, o aspecto que mais chamou a atenção foi o da ausência da marca de pluralidade “m” no final dos verbos em 3ª pessoa do plural, conforme se pode observar nas sentenças a seguir:

1. [...] as meninas **tinha** [...]
2. [...] todos eles **corre** [...]
3. [...] eles **exige** que a gente vá de calça [...]
4. [...] as pessoas **invade** [...]

Neste aspecto, correspondente à concordância sujeito/verbo foram detectados 27 casos de ausências da marca “m”, sendo assim um valor que corresponde a um percentual de 45% do total de casos.

Graficamente temos:

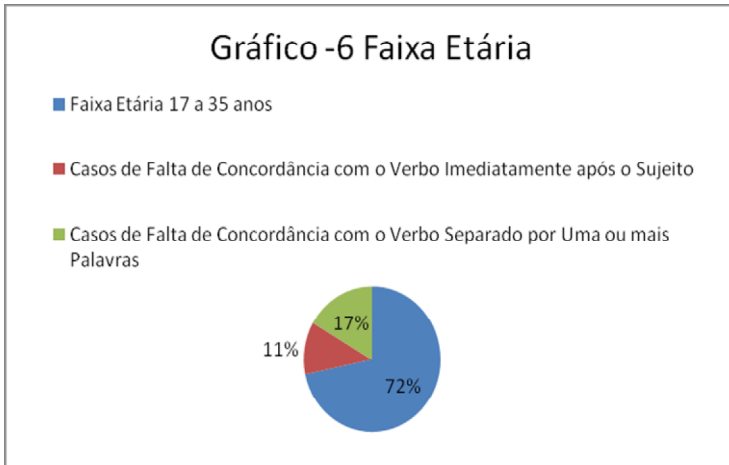


Nos inquéritos correspondentes a informantes com idade de 51 anos em diante, pôde-se perceber uma conservação maior no que concerne ao uso da língua, mais precisamente ao que compete a aplicação da concordância verbal sujeito/verbo. Independentemente do nível de escolaridade desses informantes, houve um uso maior da concordância em questão. No entanto, um aspecto que foi propulsor da ausência de concordância nesta faixa etária foi a distância entre o sujeito e o verbo. Em situações em que o verbo se encontra separado por uma ou mais palavras do núcleo do sujeito, a tendência em ocorrer falta de concordância será maior, como podemos ver nos exemplos a seguir:

- 1.[...] os **jovens** de hoje em dia é [...]
2. [...] **elas** mesma que não se **respeita** [...]
3. [...] muitos **professores** que não se **interessa** [...]
4. [...] tem **muitos** que não se **interessa** [...]

Em situações de concordância com o verbo imediatamente após o sujeito foram encontrados 7 casos de falta de concordância, enquanto que nas situações em que o verbo se encontra separado por uma ou mais palavras do núcleo do sujeito foram registradas 10 ocorrências.

Vejamos no gráfico a seguir:



Partindo dos dados analisados, observou-se que a faixa etária também foi um fator considerável quanto à aplicação da concordância verbal. Enquanto que falantes com idade de 51 anos em diante apresentaram 36 casos de ausência de concordância verbo/sujeito, os de 17 a 35 anos incidiram 60 vezes nessa falta de concordância, valor correspondente a um acréscimo de 66,7%, conforme pode ser visualizado no gráfico abaixo.

Diante dos números apresentados, percebe-se uma tendência à não utilização da concordância verbal por parte de indivíduos mais jovens (neste caso na faixa etária de 17 a 35 anos). Essa faixa etária apresenta uma inclinação maior para uma inovação linguística, enquanto que pessoas mais idosas tendem a utilizar a língua de forma mais conservadora, observando assim, aspectos mais formais da língua.

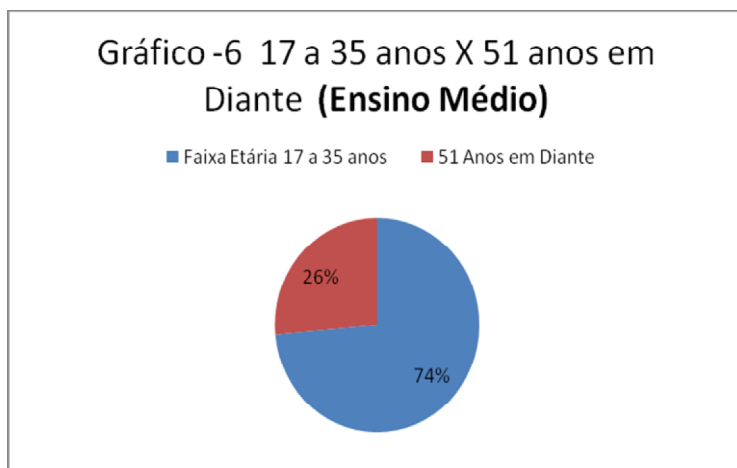
6.3. Escolaridade / Faixa etária

Ao se fazer o cruzamento de dados da faixa etária com a escolaridade dos falantes, os resultados não foram tão diferentes dos já mencionados, isto é, os falantes mais jovens, independente da escolarização, apresentaram maiores índices da não utilização da concor-

dância verbal sujeito/verbo, enquanto que os informantes de 51 anos em diante demonstraram uma preocupação maior no que se refere à norma padrão da língua.

Os informantes correspondentes à faixa etária de 17 a 35 anos, que cursaram o ensino fundamental, apresentaram 35 ocorrências de ausência de concordância. No entanto, os inquiridos de 51 anos em diante constituíram um somatório de 27 ocorrências, ou seja, 22,9% a menos nos casos de concordância sujeito/verbo.

No entanto, ao se tratar de informantes das duas faixas etárias citadas, porém com ensino médio completo, os resultados constituíram uma diferença gritante. Falantes mais jovens ocorreram 25 vezes na ausência de concordância, enquanto que os mais idosos obtiveram um somatório de apenas 9 ocorrências. Vejamos graficamente.



Podemos atribuir esse resultado a aspectos profissionais dos informantes e pelo próprio meio social ao qual estão inseridos. Em torno de vinte e cinco anos atrás, uma pessoa que concluía o ensino médio tinha uma boa colocação no mercado de trabalho. Profissões como, administrador, contabilista, professor e outras mais, eram exercidas por profissionais de ensino médio. Por esse motivo, havia uma preocupação muito maior no que se refere aos profissionais de escolarização média quanto ao uso da língua que na sua maioria exerciam cargos de chefia. Em contra partida, os empregos atribuídos

a indivíduos de escolaridade média atualmente são aqueles que não se tem a necessidade de esmero na utilização da língua, em muitos deles se utiliza apenas a força braçal.

7. Considerações finais

Ao longo das pesquisas para a preparação deste trabalho monográfico, muitas inquietações e questionamentos surgiram sobre as possíveis formas de utilização da língua, mais precisamente ao que concerne ao uso da concordância verbal entre populares da cidade do Salvador. Essas inquietações e questionamentos foram a razão para o desenvolvimento deste tema que, apesar de muito pesquisado e comentado entre os linguistas, ainda trás motivações para novas discussões e abordagens.

Com base em análises de dados reais retirados de situações naturais de fala, podemos perceber a heterogeneidade da língua que, ao mesmo tempo, retrata uma homogeneidade, pois até mesmo o caráter heterogêneo da língua pressupõe um sistema devidamente estruturado.

Este trabalho de pesquisa iniciou-se com uma abordagem epistemológica, trazendo a origem da palavra concordância e seus diversos significados assumidos a depender do contexto em que se encontra. Em continuação, abordou-se a visão de alguns teóricos que, a partir de seus conhecimentos, oportunizaram e conduziram as análises desta pesquisa.

A partir da observância dos dados retirados dos inquiridos do PEPP, podemos concluir que tanto a escolaridade como a faixa etária do indivíduo influenciará de forma considerável na utilização da língua. Viu-se que falantes de escolaridade média aplicam mais a concordância verbal (de acordo com a gramática tradicional) do que falantes com o curso fundamental. Outro dado que se concluiu através desta pesquisa foi que falantes com idade de 51 anos em diante aplicaram muito mais concordâncias conforme a norma padrão do que pessoas de 17 a 35 anos de idade.

Por fim, nesta monografia não se encerram as possibilidades de discussões referentes a concordância verbal. Temos aqui somente

uma minúscula parcela de tudo que ainda pode ser resgatado e observado. Como consta na introdução, este trabalho deverá servir tão somente como uma mola propulsora para que outros interessados neste assunto possam se debruçar e se deleitar nas discussões sobre esse tema tão vasto que é a Concordância Verbal no Português Popular de Salvador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo (org.). *Manual de linguística*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 141 – 153.

LUCCHESI, Dante. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. *Revista Internacional da Língua Portuguesa*, v. 12, p. 17-28.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2003, p. 9-14.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2003, p. 15-25.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta. Concordância variável em Português: A situação no Brasil e em Portugal. In: SCHERRE, Maria Marta (org.). *Origens do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2007, p. 49-69.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2003, p. 33-42.

PERINI, Mario Alberto. *Para uma nova gramática do português*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986.

SOUZA, Maria Borges de. Posição do sujeito e fatores sociais na concordância verbal em Salvador. In: MOURA, Denilda (Org.). *Os múltiplos usos da língua*. 1. ed. Maceió, 1999, p. 506-510.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2003, p. 51-56.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 197?.